

Memória coletiva de culturas do Nordeste

Collective memory of Northeastern cultures

Domingos Sávio de Almeida Cordeiro¹
saviocordeiro@gmail.com

Resumo

Tomando Juazeiro do Norte (CE) como campo de aproximação empírica, este estudo tem como premissa a noção de que, para conhecer um território tanto em sentido social, como cultural e geográfico, é necessário conhecer as experiências do seu povo. O artigo aborda as memórias sociais do Nordeste a partir de narradores do Padre Cícero. Apresentamos algumas reflexões balizadas em captação de narrações orais de moradores nas quais identificamos conteúdos simbólicos sobre a cidade, o seu fundador, a transmissão e atualização de experiências, e propomos a perspectiva de que é indispensável dar vez às vozes sobre os mitos de origem das formações sociais, porque há neles sentidos que repercutem na subsistência da ordem simbólica local e constituem referências de conjuntos sociais.

Palavras-chave: memória social, Padre Cícero, narrações, Nordeste.

Abstract

Considering Juazeiro do Norte, in the state of Ceará, as a field of empirical approach, this study is based on the notion that in order to know an area in a social, cultural, and geographical sense, it is necessary to know the experiences of its people. The article discusses the social memories of the Northeast from narrators of Padre Cicero. We present here some reflections beacons in the capture of oral narratives in which residents identify symbolic contents of the city, its founder, the transmission and exchange of experiences, and we propose an outlook that it is essential to give place to the voices on the myths of social origin formation, because there are in them senses that echo in the subsistence of the symbolic order and provide references to local social groups.

Key words: social memory, Padre Cícero, narrations, Northeast.



¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA). Rua Cel. Antonio Luiz, 1161, Pimenta, 63105-100, Crato, CE, Brasil.

Introdução

Este artigo aborda memórias sociais do Nordeste a partir de narradores do Padre Cícero. O conteúdo faz parte da pesquisa "Narradores do Padre Cícero: muito mais a contar", da qual exponho aqui a produção de dados gerais, reflexões balizadas na aproximação empírica, em que capto narrações orais de moradores de Juazeiro do Norte, Ceará, e apresento algumas considerações parciais.²

A sociologia está empenhada em refletir sobre a sociedade nas suas múltiplas dimensões, combinando diferentes temporalidades nas quais o futuro, o presente e o passado se sobrepõem.

A memória social, do ponto de vista sociológico, traz noções que informam como as lembranças dos indivíduos memorialistas se unificam, mesmo em um grupo mais amplo quando nem todos têm conhecimento uns dos outros, e deságuam na composição de uma memória consolidada por interação com uma extensão muito mais vasta que a memória de cada indivíduo particular.

Em contexto de famílias e de grupos, a memória coletiva segue viagem disseminando histórias boca a boca, havendo um efeito de incorporação de novos elementos e supressão de outros, que é característico da memória social. Cada um de nós pode ver esse processo operando todos os dias em nossas vidas. As pessoas, quando ouvem uma história, desejam contá-la e, no repasse, acrescentam outros elementos porque "quem conta um conto aumenta um ponto". É uma tendência que o "contador de histórias" não consiga resistir ao prazer de transmitir e participar da história, sendo este, provavelmente, o fato que mais garante sua difusão. Mas, mesmo quando vão circulando e sofrendo alterações, e talvez por isto mesmo, as histórias têm uma vida intensa e vigorosa. Da mesma forma acontece com as narrativas transcritas: embora elas sofram variações, contribuem para a divulgação de determinados conteúdos.

Quando reproduzem os conteúdos das memórias com atenção na fidelidade da intenção do narrador, as narrativas transcritas podem conseguir manter grande parte do atrativo original da fala e informar os elementos necessários e suficientes para a interpretação e compreensão de seus significados. "As melhores narrativas escritas são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos" (Benjamin, 1987, p. 198). Tomando esta ideia do Benjamin como premissa, constata-se que, ao se estudar conteúdos memoriais, pode-se buscar registrar a memória tal qual ela se apresenta nas narrativas, ou melhor, o mais próximo possível da intenção do narrador em interação com o pesquisador.

Essas memórias, que só aparentemente são registros do passado, não significam apenas falar de si, mas dos que se in-

serem em um conjunto cultural. O testemunho de pessoas sobre ele pode se tornar registro de experiência de muitos, dos que pertencem a uma mesma geração demográfica ou social e, mesmo que sejam em princípio diferentes como indivíduos, suas narrativas sobre um passado com elementos comuns podem ser tão próximas que acabam revelando características gerais de uma sociedade em determinada época; como afirma Halbwachs, "lembranças pessoais que parecem não pertencer a ninguém senão a nós podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar" (1990, p. 50).

A memória social é resultante do legado das memórias coletivas para além dos grupos que as originaram mais as memórias oficiais, produto de um trabalho social em que agentes e instituições investem na elaboração de uma moldura histórica para a trajetória social e de fatos e versões veiculados e produzidos pela mídia.

Em uma pesquisa, a memória coletiva emerge empiricamente na aproximação com uma determinada geração. Esse recorte pode ser com uma dada geração demográfica, ou seja, a partir de um conjunto de indivíduos com idades estipuladas numa mesma categoria etária, por exemplo, a partir de 60 anos; ou com uma geração social, isto é, com um grupo constituído por indivíduos que, além de se distinguirem pela idade de outros grupos, manifestam referências sociais diferenciadas. Enquanto cada geração demográfica é continuamente renovada, cada geração social está destinada a desaparecer por eliminação natural dos seus membros (Nunes, 1969). Essa composição de estudos com a memória em bases geracionais possibilita compreender conjuntos culturais. Em um dado conjunto cultural, podem-se observar processos sociais e relações que derivam de sua ocorrência.

O conjunto cultural como categoria de análise traz inúmeras possibilidades de interpretações a partir da integração de elementos étnicos, de linguagem, históricos e ambientais (Boas, 2004), adequando-se em termos metodológicos a uma tendência contemporânea nas Ciências Sociais em questionar os padrões de cientificidade na busca de respostas às suas indagações e abraçar perspectivas analíticas compreensivas das subjetividades e especificidades locais. Numa região geográfica como o Nordeste, cuja sociedade é fruto de inúmeras influências migratórias, étnicas, linguísticas entre outras, há, certamente, inúmeros conjuntos culturais.

O conjunto cultural como categoria de análise é como que uma ferramenta do pesquisador, que, em suas análises, contempla diversos aspectos sociais, inclusive com possibilidade de verificar conflitos e oposições entre eles.

O conceito de Nordeste como região no sentido de "região natural", com suas implicações em nível de determinismo do ambiente físico e racial, há tempos não se adequa aos avanços e necessidades de precisão conceitual das Ciências Sociais. Passou-

² Os depoimentos dos entrevistados são transcritos como citações textuais acompanhadas de referências entre parênteses com dados dos entrevistados: iniciais do nome, sexo – M e F, idade e data da entrevista.

se a empregar a concepção de "região" para além da demarcação física espacial compreendendo elementos sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos entre outros. Fazendo uma crítica em história social aos estereótipos na denominação do Nordeste como região, Albuquerque Junior (2001, p. 305) afirma que "o Nordeste é uma invenção recente na história brasileira, não podendo ser tomado como objeto de estudo fora dessa historicidade, sob pena de se cometer anacronismos e reduzi-lo a um simples recorte geográfico naturalizado".

Nessa pesquisa, o conceito de região refere-se à construção permanente de espaços determinados por muitos campos. Entre estes, os elementos de formação cultural são reconhecidos como fundamentais na nomeação de uma região e na constituição de identidades sociais. Considerando assim, a cultura entra na demarcação de uma região e fornece os elementos de sua identidade, nos quais se podem observar fenômenos originais na sociedade em suas gêneses objetivas e subjetivas.

Os enredos sobre o Padre Cícero e as histórias de vida tomadas como campo de pesquisa possibilitam uma busca de apreensão de sentidos nos conteúdos narrados que constituem roteiros para compreensão do mundo social e dos indivíduos que o constituem. Tais roteiros apontam, nessa pesquisa, sobretudo para duas formas de abordagens: perceber proximamente, via interação com indivíduos narradores, as práticas e o legado geracional de heranças simbólicas; e refletir de maneira distanciada a constituição de um conjunto cultural que se forma, entre tantos, numa parcela demarcada da sociedade brasileira nesse espaço humano que se nomeia cultura nordestina.

Na verdade, a demarcação é elástica, pois as fronteiras de conjuntos culturais são tênues, tratando-se de várias influências, em que há aculturação, interpenetração e sobreposição de elementos, e se espalham em muitas temporalidades e lugares.

Em pesquisa realizada na década de 1970, Candace Slater focou duas possibilidades quando comparou histórias contadas especificamente por moradores que residiam na Rua do Horto e romeiros em Juazeiro do Norte (Slater, 1986). Embora o conteúdo das histórias dos dois grupos fosse semelhante em muitos aspectos, ela encontrou diferenças sutis, mas fundamentais: enquanto os moradores lhe descreviam uma quantidade grande e diversificada de episódios miraculosos e suas narrativas refletiam um alto grau de envolvimento pessoal, ao contrário disso, os romeiros, física e geograficamente distantes do Padre Cícero, frequentemente narravam e se conduziam de acordo com histórias mais coerentes, ainda que baseados em um número menor de incidentes.

O meu recorte para esse estudo foca narrações de uma geração que é fruto de uma migração que se fixou na cidade. Deixo de fora, portanto, muitas outras possibilidades de interação com indivíduos que teriam a falar sobre essa temática, tais como: as terceira, quarta e quinta gerações descendentes de adventícios, os migrantes atuais inspirados no padre e aqueles cujos motivos são seculares; aqueles que visitam anualmente a cidade na condição de romeiros – aproximadamente 1 milhão de pessoas por ano –, e podem ser classificados em vários tipos

(Cordeiro, 2011): romeiros visitantes e residentes, romeiros turistas, curiosos que se nomeiam romeiros, devotos romeiros, por exemplo.

Aqui eu olho para o contexto fundamental, presente nos conteúdos simbólicos transmitidos entre gerações e que compõem um conjunto cultural a partir do que é relatado pelos narradores. Nos seus relatos, há a construção do líder, cuja figura é o Padre Cícero Romão Batista. Tal figura corresponde à demanda da ação social de indivíduos adeptos, adventícios e nativos. Essa ação resulta na invenção da cidade de Juazeiro do Norte.

No início do século XX, parte da população brasileira elegeu alguns indivíduos líderes ou santos (Della Cava, 1976). Foi o caso do Padre Cícero, num momento em que trabalhadores rurais migrantes pelo sertão nordestino precisavam de alguém que apontasse caminhos para satisfação de suas necessidades fundamentais como indivíduos e como grupo (Cordeiro, 2004).

Fazendo uma retrospectiva sobre migração e crescimento urbano, observa-se que, no século XX, houve grandes deslocamentos internos de população das zonas rurais às zonas urbanas. A cidade de Juazeiro do Norte ficou amontoada de novos moradores, "inchou" com a chegada de pequenos produtores rurais pobres que fugiam de secas, da precariedade financeira, de conflitos agrários e na perspectiva de encontrar melhores condições de vida para suas famílias.

Entre os meus entrevistados, a maioria faz parte dessas levas de migrantes do campo para cidade, ou é a segunda geração demográfica deles. Em decorrência de suas origens no mundo agrário de sítios da zona rural do Vale do Cariri e de zonas rurais e pequenas cidades nordestinas, formam uma geração também no sentido cultural com raízes numa cultura rústica, ou seja, a naturalidade e a permanência de longa duração desde a primeira infância caracterizam modos de vida rurais/rústicos que estão cristalizados nas narrativas de experiências. Rural exprime, sobretudo, localização, ao passo que a expressão "rústica", não como rude ou tosca, indica o que no Brasil corresponde ao universo das culturas tradicionais do homem do campo (Cândido, 1977). Nas culturas rústicas predominam sistemas sociais tradicionais: tecnologia menos complexa, relações sociais em comunidade local, relações sociais primárias, baixo nível educacional ou nenhuma instrução, cristalização de papéis, família como unidade produtiva, e forte presença da religiosidade.

A cultura camponesa é, assim, nomeada como rústica em relação ao seu inverso complementar, a cultura da cidade, cenário da modernidade, das novas tecnologias, produtos, ideias e comportamentos.

Um campo demarcado com narradores

Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, cidade fundada pelo Padre Cícero, completou 100 anos de existência em 2011. Falar de Juazeiro do Norte implica falar do seu fundador, o Padre Cícero, como figura constante na oralidade da população

migrante e seus descendentes, que, memorialistas, instituíram a localidade como centro de suas vidas.

Essas pessoas apresentam características comuns: têm origens geográficas mais ou menos próximas; migraram para Juazeiro ou lá nasceram mais ou menos na mesma época; são pessoas idosas e, como qualquer velho, pelo fato de terem vivido mais tempo, provavelmente têm mais experiências acumuladas; são pessoas que conhecem em profundidade, cada um à sua maneira, a cidade de Juazeiro do Norte, que ajudaram a construir vivendo e trabalhando nela; têm destacado, em suas vidas, uma relação subjetiva com esta cidade; têm o Padre Cícero como personagem que influenciou a sua trajetória de vida, e, para a maior parte deles, ele está presente no seu cotidiano como santo.

Suas cidades de origem são do Cariri cearense: Cariri-açu, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Crato, Santana do Cariri; do norte do Ceará: Maranguape; de Alagoas: Palmeira dos Índios e Quebrangulho; da Paraíba: Sousa; do Pernambuco: Garanhuns. De maneira que tanto os que formam grupos de migrantes como aqueles que têm raízes locais possuem entre si laços históricos e geográficos.

Quase todos os meus interlocutores se situam numa corte bastante ampla, correspondendo à faixa etária de 71 a 100 anos, comumente generalizada no Brasil como terceira idade. Há uma ou outra exceção de entrevistados que estão na meia idade, entre 50 e 60 anos. Contudo, no contato com estas pessoas, ainda não registrei qualquer contraponto importante para distinguir aspectos que eventualmente se apresentassem como marcas de uma geração demográfica, na medida em que suas experiências as situam na mesma geração social dos demais.

Entre os que estão na terceira idade, há o registro de experiências mais recentes que atingem todas as gerações, sobretudo, as que dizem respeito à situação atual de exposição dos filhos a violência nas cidades.

Os que estão na terceira idade têm como principais pontos comuns: já não se encontram vinculados a trabalhos remunerados – à exceção de um deles, que continua trabalhando remunerado como forma de complementação de renda da aposentadoria, estão todos aposentados –; moram com a família; partilham de referências históricas, sociais e trajetórias mais ou menos comuns. As diferenças mais fortes nesse grupo estão principalmente relacionadas à classe e ao lugar social que seus familiares e eles próprios ocuparam nas origens da sociedade local. A localização numa elite econômica e social ou na ralé e suas posições intermediárias tendendo a esses extremos são diferenças que determinam o motivo de migração ou de estabelecimento na cidade de Juazeiro do Norte, a forma de relacionamento com o Padre Cícero e, sobretudo, da forma como compreendem o mundo social.

Todos eles tiveram alguma forma de proximidade com o Padre Cícero. Esta proximidade aconteceu diretamente com três deles, que conheceram pessoalmente o padre e testemunharam sua atuação; para os demais, aconteceu por meio de um membro da família, cônjuge, tios, pais e avós, que o conheceram e testemunharam fatos com sua presença.

Suas profissões ou ocupações de origem eram: agricultor, artesão de fabrico de carroças, artesã de chapéus, artesã louceira, bordadeira, compositora de benditos, caixeiro viajante, comerciante lojista, "do lar," gerente em indústrias locais, ourives, joalheiro, agricultor e vaqueiro.

Pessoas idosas que narram o Padre Cícero e, por extensão, o Juazeiro do Norte podem ser enquadradas em dois grupos: há os migrantes, antigos moradores que testemunharam fatos envolvendo o padre; e há os descendentes de migrantes que narram histórias e causos que ouviram de parentes próximos.

Nos repertórios das suas narrações, há a presença constante do Padre Cícero, a respeito do que "meu padrinho Padre Cícero" disse e fez.

Eu acho que o Padre Cícero era bom não porque era padre. Qualquer profissão que ele estivesse [tivesse] abraçado, agricultor, médico, dentista, vaqueiro, ele era daquele jeito. O Padre Cícero era um cidadão que não tinha defeito. Como padre, como homem, como cristão, não tinha defeito. Ele via as coisas longes... (L.G.P. M, 91, 03/05/2011).

Desde a década de 1910 transitam anualmente nesta cidade milhares de visitantes. O Padre Cícero faz, com sua presença e ação, a cidade de Juazeiro exercer uma força centrípeta que atrai indivíduos na área geográfica circunscrita no raio aproximado de 600 quilômetros. De todos os lados chegam pessoas em grupos e em famílias.

Tal cidade demandava, na sua origem, enorme ação social, fruto de inúmeras mãos que eram dirigidas para sua fundação. Para erigi-la havia de ter: ordenamento social que possibilitasse uma convivência pacificada entre seus habitantes; equipamentos sociais indispensáveis; um mercado para consumo interno e para venda externa; defesa política, social e espacial, e ação administrativa.

Inicialmente, os problemas sociais eram terríveis. Falta-va à sede do município: saneamento, água tratada e encanada; esgotos, coleta de lixo, luz elétrica. O campo e a cidade careciam de médicos, de hospitais e remédios alopáticos. Por isso, a medicina caseira à base de mezinhas era um conhecimento transmitido de geração em geração como uma prática indispensável à sobrevivência. Sobretudo, o novo agrupamento demandava enorme esforço em promover a coesão social. "Antes dele, isso daqui era uma terra de ninguém" (F.A.N. M, 78, 20/12/2010). "Aqui era uma aldeia de bêbados, de tudo o quanto não prestava e foi ele quem conseguiu" (M.D.B.M. E, 78, 18/04/2011).

Sendo o Juazeiro uma cidade de migrantes, levas de indivíduos que participaram na formação social da cidade trouxeram em suas bagagens imateriais seus saberes, costumes e crenças praticados pelos grupos de que faziam parte em suas localidades de origem nos estados nordestinos, com destaque para as regiões interioranas dos estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte, tornando-a uma amostra ímpar das influências culturais do Nordeste. Trouxeram também demandas e necessidades.

De todo canto o povo vinha morar aqui, trabalhar, botar oficina de tudo. Uma vez chegou lá uma pessoa: – “Seu padre, eu estou precisando de trabalhar e não tenho serviço, estou passando necessidade.” Ele disse: – “Meu amiguinho, vá fazer candeeiro, pode fazer candeeiro à vontade que você vende tudo.” Aí esse camarada foi fazer candeeiro, fez e não vendeu nenhum candeeiro e ele, agoniado, fazendo candeeiro, tomando dinheiro emprestado e fazendo candeeiro. Aí ele foi lá: – “Meu padrinho, eu não vendi nada, os candeeiros estão todos lá, parados, não tem quem compre nada.” Aí chegou o tempo de Nossa Senhora das Candeias. Ele avisou ao povo na bênção da tarde que todo mundo fosse comprar candeeiro para fazer uma procissão muito bonita em agradecimento de tudo que Nossa Senhora das Candeias fez aqui em Juazeiro. Todo mundo comprou candeeiro pra fazer uma procissão grande com a luz do candeeiro. Ah, meu filho, os candeeiros não deram pra nada, vendeu tudo e fizeram a procissão muito bonita (J.J.B.M. M, 86, 18/04/2011).

A grande maioria dos que chegavam vinham interessados em conhecer e conversar com o padre e lhe pedir todo tipo de ajuda.

A construção do mito líder na memória

Historicamente, o Pe. Cícero surge como líder no momento em que os trabalhadores rurais migrantes pelo sertão nordestino precisavam de alguém que apontasse caminhos para satisfação de suas necessidades fundamentais como indivíduos e como grupo, como afirma Della Cava referindo-se às razões que levavam romeiros a Juazeiro:

Muitos dos romeiros chamados pelas elites de “fanáticos” eram analfabetos, pobres e politicamente inertes. Sob a capa do impulso religioso [...] escondia-se, muitas vezes, o desejo infrutífero de controlar o meio adverso e sobrepujar as injustiças sociais que faziam de suas vidas uma desgraça (1976, p. 139).

Na memória, o Pe. Cícero surge como líder quando se torna modelo para a vida dos outros. Ao tornar-se modelo, o indivíduo é situado numa esfera em que se torna passível de ser “mitologizado” (Campbell, 1990, p. 16).

Nós só devemos essa cidade ao Padre Cícero. Porque não tinha nenhum homem de influência aqui na terra que pudessem trazer esse povo para cá, ninguém, só ele mesmo. Graças a Deus, é uma cidade de boa e o povo vive aqui sempre feliz. Continua uma cidade de oficinas, de comércio. Quando uma pessoa dizia: “Meu padrinho, eu quero comprar uma casa.” – “Vá comprar na Rua São Pedro que lá é que vai ser o centro de Juazeiro,” aí o povo, cada um, queria uma casa lá (J.J.B.M. M, 86, 18/04/2011).

Nas memórias dos narradores, o aspecto mito do líder age assim: para a produção de subsistência: a criação um mercado interno; para a visibilidade política: a eleição de um deputado, a investidura na política como prefeito e vice-governador; para a ausência do Estado na assistência pública a flagelados das secas:

prover alimentos com seus próprios recursos e apelos públicos; para a falta de serviços públicos de água e para amenizar as secas: havia de se fazer cacimbas; para falta de controle da violência: uma orientação moral firme – oração e trabalho; para falta de iluminação pública: havia de se fazer candeeiros; para carência de profissionais de saúde e drogas: a medicina dos remédios caseiros e as preces; contra a ideia de escassez: a propagação de um lugar de abundância; contra o sentimento de desamparo, uma interação amorosa.

O líder é uma pessoa que partilha a sua fartura material: “Ele deixou muita coisa, deixou muita gente rica aqui, sem contar com os salesianos, os franciscanos. Foram tantas coisas que a gente nem sabe. Ele era muito bom” (L.G.P. M, 91, 03/05/2011). “Ôxente! Meu padrim não queria dinheiro, não. Ele era pobre. Ele não tinha um carro pra andar, homem, tinha nada, ele andava num cavalinho. Os presentes ele dava à pobreza, ele dava” (F.A.N. M, 78, 20/12/2010).

Se compararmos as narrações, a pedagogia do Padre Cícero para retificação e adaptação do comportamento do indivíduo a uma conduta adequada para convívio na comunidade acontece de maneira ambígua. Para uns, aquilo que ele considerava mau para o indivíduo ou para o coletivo não era enfrentado de frente.

Naquela hora, uns romeiros tinham trazido uma mulher amarrada. O Padre Cícero olhou pra ela e começou a dizer sobre coisas que ela havia dito a respeito dele. Tudo que Padre Cícero dizia era o que pai tinha falado dele quando ainda estava em Alagoas: “Você falou muito de mim, disse que eu acoitava canjazeiro, defendia jagunço... (J.I.C. M, 90, 01/05/2011).

Nesse caso, a mensagem coercitiva era indireta, através de uma fala a que não se podia identificar o destinado. Mas para outros, aquele que havia errado passava por uma exposição aberta de seus erros e até pela humilhação de uma correção pública:

Eu quero que vocês me digam, não me neguem, cadê a moça que vinha de Alagoas em companhia de vocês, que vinha pagar uma promessa a Nossa Senhora das Dores? Malvados, criminosos, perversos, como é que, porque a moça caminhava devagar, vocês deixaram a moça no meio da mata e vieram simhora? (F.A.N. M, 78, 20/12/2010).

Se uns narram discursos coercitivos incisivos com sanções reprovadoras do Padre Cícero, enquanto outros falam de discursos coercitivos indiretos mais brandos, isso decorre do tipo de construção de figura que se deseja transmitir. É possível que o personagem agisse de ambas as formas usando a mais adequada de acordo com as circunstâncias ou não. A elaboração da memória não acontece de maneira isenta. Ela tende a destacar aspectos dos fatos testemunhados de acordo com a imagem que se quer passar. Quer de uma, quer de outra forma de conduta, o fato é que, assim como acontecia com os beatos que eram líderes carismáticos (Hoornaert, 1997; Cordeiro, 2004), os instrumentos

de que dispunha o Padre Cícero para manter a coesão derivavam de sua autoridade espiritual, ou seja, da força moral de sua presença, de suas atitudes e de suas falas exemplares, já que a hierarquia religiosa havia cassado a sua autoridade institucional na tradição católica. O elo entre ele e os seus seguidores, como acontece com outras figuras no contexto messiânico, depende, sobretudo, dele próprio cumprir rigorosamente as regras morais que apregoa: "O Padre Cícero fazia as coisas dele certo e direito" (F.A.N. M, 78, 20/12/2010).

Nos conteúdos relacionados à sua autoridade, destacam-se as funções de ensinar, aconselhar, zelar pela comunidade, dar ampla assistência ao povo, prover alimento material e espiritual, transmitir os fundamentos sociais da vida na comunidade e, mais do que se fazer respeitar na sua ascendência, especialmente ser responsável pela condução da multidão que o seguia. É isso que expressa o relato seguinte: "Ninguém saía sem os conselhos dele. Ninguém sabia fazer nada sem ir perguntar os conselhos dele" (R.C.L. E, 91, 08/04/2011).

A avalanche de histórias dando conta dos feitos e dos fatos relacionados à figura do padre inicia quando ele ainda estava vivo. Ele próprio, segundo os narradores, reconhecia tal fato.

Quando eu cheguei aqui havia muitas histórias. Muita coisa que o povo dizia. Ainda hoje, muita coisa que o povo fala é fanatismo, mas outras não. O Padre Cícero dizia: "Meu amigo, eu sou o homem mais mentiroso que pode existir. Porque o povo inventa tudo que é história e depois dizem que fui eu que disse". E o povo dizia que ele recomendava que não se usasse roupa pelo avesso, não deixasse sapato emborcado, que mulher não devia assobiar... Escutei muita besteira (V.A.C. E, 83, 01/05/2011).

Tais histórias relacionadas ao padre trazem versões e construções individuais e enredos de caráter público. Embora estejam presentes nos conteúdos de narradores que não se conhecem entre si e terem como principal canal de transmissão o espaço do interior das famílias, fazem parte de uma memória comum. Independentemente da versão dada e das disputas memoriais, os que contam histórias ancoradas na figura do Padre Cícero tornam-se testemunhas de um tempo, de uma sociedade e do conjunto cultural que ela abrange.

Nas narrações há uma sobreposição de suas histórias de vida com os feitos e as falas do padre onde se pode verificar a presença de seus valores. "Pai dizia: -'venha pra cá pra você escutar as histórias pra quando você casar, tiver seus filhos, aí você contar as histórias" (M.J.F.S. E, 82, 15/02/2011); "Meu pai era trabalhador, num tinha parecia não, rapaz. E nós sempre puxamos a ele. Quem batizou ele foi meu Padim Cicho" (J.C.O. M, 73, 13/03/2011).

Meu padim era assim: Chegava lá, levava uma novilha gorda e entregava a ele e dizia; "meu padim, eu trouxe essa novilha pro sinhô." Ai chegava outro e dizia: "Meu padim, eu tou morrendo de fome". Ai ele pegava a novilha e dava pra o que tava com fome. Ele num ficava com os bichos pra formar uma fazenda. Pegava aquilo ali e dava pra quem tava com precisão (P.J.O. M, 79, 18/03/2011).

As narrações também dão conta do lugar de origem de cada um. Em cada sítio nas brenhas do Nordeste, cada distrito, cada bairro e nas pequenas cidades, produz-se uma maneira de ver o mundo, formas de se relacionar, memórias a que convergem experiências.

Tais pessoas, quando contam suas histórias e de outros, misturam o vivido, o imaginado com o projetado e desejado, dando destaque a acontecimentos eleitos como memoráveis, esquecendo ou silenciando outros. Elas fazem de suas narrativas um meio de passarem experiências e conhecimentos que lhes são importantes. Ao contarem histórias sobre o Padre Cícero, refletem concepções de como entendem o mundo, como projetam o melhor mundo, como veem a sociedade, a melhor forma de viver, desejos, sonhos, utopias e o mito de origem.

Embora esses conteúdos sejam repassados como discurso individual, têm como pano de fundo as construções coletivas e para elas convergem. Por isso, o que se diz hoje sobre os personagens de destaque para uma comunidade – no caso, o Padre Cícero em Juazeiro do Norte – faz parte de uma memória comum e não pode nem deve ser considerado como ideias falsas, mas tratado como modos de organização de experiências dos grupos e da sua cultura. A narração dessas experiências constitui referências indispensáveis para a sobrevivência simbólica de cada indivíduo e do grupo social do qual ele faz parte.

Considerações finais

Ao captar um acervo de narrações sobre o Padre Cícero entre seus contemporâneos e descendentes em Juazeiro do Norte e na Região Metropolitana do Cariri, identifiquei traços que compõem o conjunto cultural de onde falam os narradores.

À guisa de considerações parciais, sugiro que, embora as narrativas sejam continuamente permeadas por ressignificações nos costumes e sofram atualizações de conteúdos, podem manter aspectos centrais relativos às práticas, visões de mundo e aos mitos de origem, de maneira que se conservam nos repertórios memoriais acervos vivos de histórias que informam conjuntos culturais.

Considerando que a experiência de memória repercute na subsistência da ordem simbólica local em que mitos de origem permanecem como referência, pode-se contribuir para superação do vazio de análises em pesquisas sobre conteúdos com significados míticos como elementos fundamentais de conjuntos culturais.

Estudos com estes parâmetros podem possibilitar aos interessados ter uma visão ampla da substância da memória social e responder por que as memórias são construídas e apropriadas de determinadas maneiras, quais os respectivos significados das narrações, além de sistematizar acervos da oralidade.

Cabe, pois, considerar as recordações que a memória define como comum a um grupo, que o diferencia dos outros, fundamentando e reforçando sentimentos de pertença e fronteiras socioculturais, constituindo lugares de memória coletiva a partir de narrativas individuais.

Essas lembranças, como considerava Halbwachs, são como lugares que se visitam e que estabilizam a memória: "Lembranças pessoais que parecem não pertencer a ninguém senão a nós podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar" (1990, p. 50).

Penso aqui, enfim, na perspectiva de que é indispensável considerar as vozes sobre os mitos de origem das formações sociais, porque nelas há eventos que podem até não ter acontecido como fatos, mas como mitos fazem sentido por constituírem referências simbólicas de conjuntos culturais. Como afirma Eliade (2006), o sentido de conhecer os mitos é reaprender o segredo da origem das coisas, como as coisas vieram à existência e como reencontrá-las quando desaparecem.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Nacional de Arte – FUNARTE/Ministério da Cultura, pela Bolsa Funarte de Produção Crítica em Culturas Populares e Tradicionais.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. de. 2001. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana/Cortez, 317 p.
- BENJAMIN, W. 1987. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 253 p.
- BOAS, F. 2004. *A formação da antropologia americana: 1833-1911, antologia*. Rio de Janeiro, Contraponto/UFRJ, 423 p.
- CAMPBELL, J. 1990. *O poder do mito*. São Paulo, Palas Athena, 242 p.
- CANDIDO, A. 1977. *Os parceiros do Rio Bonito*. 4ª ed., São Paulo, Livraria Duas Cidades, 376 p.
- CORDEIRO, D.S. 2004. *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*. Fortaleza, Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 236 p.
- CORDEIRO, M.P.J. de. 2011. *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. Fortaleza, IMEPH, 280 p.
- DELLA CAVA, R. 1976. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 279 p.
- ELIADE, M. 2006. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 180 p.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Ed. dos Tribunais, 189 p.
- HOORNAERT, E. 1997. *Os anjos de Canudos*. Petrópolis, Vozes, 148 p.
- NUNES, A.S. 1969. *Sociologia e ideologia do desenvolvimento*. Lisboa, Moraes, 374 p.
- SLATER, C. 1986. *Trail of miracles: stories of a pilgrimage in Northeast Brazil*. Berkeley, University of California Press, 289 p.

Submetido: 30/09/2011
Aceito: 09/10/2011